

AÇORES ... O FUTURO  
E A DOCE TIRANIA DO PASSADO \*

por  
ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

ABSTRACT

*The Azores are presently feeling a two-way pull — a political one attracting them towards Europe, which they will have to follow along with Portugal, and an entropic tendency towards a maintenance of the old ways. There is an acute need to reflect seriously upon what must be given up in the name of progress and what must be preserved as part of the region's identity. Careful thinking and planning could transform apparent liabilities in terms of «underdevelopment» into assets marketable among tourists attracted to unspoiled environments.*

---

\* O presente texto não é propriamente um ensaio académico resultado de qualquer investigação especial, mas uma tomada de posição («position paper», se preferirem) sobre algumas questões com que se debate a sociedade açoriana, como o turismo. Originalmente escrito em inglês e lido no simpósio sobre os Açores realizado na Southeastern Massachusetts University em Abril de 1989, esta versão portuguesa é da responsabilidade de Leonor Neves, embora com revisão do autor, que lhe agradece a colaboração.

\*  
\*   \*  
\*

A identidade cultural é um conceito volátil. Na realidade, não pode mesmo ser definido em termos rigorosos. A própria expressão é vaga, uma daquelas que nos escorregam por entre os dedos de cada vez que julgamos tê-las agarrado. As razões são óbvias: quando tentamos uma definição a partir de qualquer ângulo que seja, só deparamos com problemas. «Identidade» é um substantivo que pode significar uma propriedade como tal; dizemos de um grupo cultural que tem uma identidade. A afirmação é gramaticalmente correcta mas não contém muita informação. De facto, «ter uma identidade» significa o quê?

Não podemos sequer transformar a frase num enunciado existencial, pois «ser idêntico» implica que se acrescente o outro lado da correspondência: X é idêntico a Y. Poder-se-ia apenas dizer «X é idêntico a alguma coisa», em sentido bastante vago, significando uma relação de semelhança. Rigorosamente, não existe identidade entre dois objectos, por serem necessariamente realidades separadas. Por outro lado, e também para sermos rigorosos, temos de reconhecer que dizer de alguma coisa é *idêntica a si própria* é, para todos os efeitos, uma tautologia.

Até aqui não estamos a conseguir grande elucidação a partir desta análise linguística. Podemos, todavia, ir um pouco mais longe se examinarmos outras instâncias em que, na linguagem corrente, se usa esse conceito de identidade cultural. Utilizamos um verbo do mesmo campo semântico, «identificar», para referir, «apontar», «distinguir», ou «destacar um objecto de entre outros». Neste processo de identificação de um objecto reconstituímos, mentalmente, todas as suas propriedades, cuja totalidade constitui o objecto e nos permite distingui-lo de qualquer outro. Ocasionalmente, referimo-nos a esta totalidade como qualidade única, já que, em sentido estrito, nada lhe é idên-

tico, na mesma ordem de ideias, tudo é único. Contudo, isolamos frequentemente uma característica particular de um objecto, por ser invulgar e, por isso, nos tornar mais fácil identificá-lo ou mencioná-lo. Quando isto acontece, referimos essa característica como se do objecto no seu todo se tratasse.

Deixemo-nos de abstracções, e apliquemo-las ao conceito de identidade cultural.

Em linguagem rigorosa, o que constitui a identidade de um grupo é a totalidade das características que nos permitem distingui-lo dos outros grupos culturais. Por vezes, só um traço em particular não é partilhado por outros grupos ou, pelo menos, não é partilhado com a mesma intensidade ou frequência. Nestes casos, o grupo passa a ser identificado por essa característica e, frequentemente, ao ponto de parecer a mais importante, ou a mais fundamental característica ou aspecto do grupo. Historicamente isso aconteceu bastas vezes. Continuamos a dizer que os espanhóis são apaixonados, que os italianos são musicais e os suíços ordeiros. No mundo intelectual, é comum ouvir referências aos ingleses como empiristas, aos franceses como racionalistas, e aos americanos como pragmáticos. As complicações surgem quando esquecemos que estamos a tomar a parte pelo todo, e começamos a falar do empirismo como constituindo a essência do espírito britânico, de racionalismo como essência do francês, e do pragmatismo como configuração da alma americana. De facto, no passado, era comum dizer-se que essas eram as essências, ou os «espíritos» destas culturas.

No caso de Portugal, éramos vistos como possuidores de uma marca cultural única, a saudade, tão única que não podia mesmo ser traduzida. De «nosso mais específico traço», passou a «nosso espírito» ou «alma nacional». Os portugueses viviam, respiravam, agiam, num fluxo de saudade. Até o nosso amor era saudosista. Éramos particularmente nostálgicos do passado, o nosso glorioso e perdido

passado de império mundial, mas também éramos nostálgicos (ou, para ser exacto, já que dizem não se poder traduzir este conceito: tínhamos saudades) no presente. Supostamente, há sempre uma ausência no coração dos portugueses. A felicidade total não pode jamais alcançar-se. Houve mesmo um poeta que declarou termos «saudades do futuro», afirmação que quase todo o português acha que compreende, mas eu não posso explicá-la, não por ser intraduzível, mas simplesmente por não fazer sentido excepto como arrojo poético. Se bem que, para ser justo com o poeta, exista um particular contexto ideológico onde a afirmação tem um significado.

Dos Açores se diz reproduzirem uma versão atenuada da cultura portuguesa, com uma presença altamente visível da influência de factores geográficos, nomeadamente o opressivo mar circundante, o céu muitas vezes cinzento, a humidade e os sismos. De alguma maneira, estes elementos naturais, com o seu imprevisível poder, são uma constante advertência aos açorianos de que os seres humanos estão ainda longe de controlar a natureza. Tudo isso deve parcialmente explicar a admiração e o respeito à natureza — que nós sabemos ser nessas ilhas particularmente bela — componentes fundamentais da cultura açoriana. Através dos séculos, os açorianos desenvolveram o hábito de trabalhar para sobreviver, e permanecer à tona de água. Mas desenvolveram também uma forte relação com o desconhecido, acentuando a seu modo algumas facetas da religião católica. Nas suas lutas com a natureza, o que não podiam controlar punham nas mãos de Deus. Uma vez por outra, alguns pensaram que ao governo caberia parte dessa responsabilidade, mas a maioria nunca deu muita fé a santos de carne e osso, particularmente se fabricados em Lisboa. Para milhares de açorianos, a resposta às suas preces chegou em forma de carta do consulado americano, acompanhada de um visto que lhes permitia emigrar para os Estados Unidos.

Mudam-se os tempos em toda a parte, incluindo os Açores. Mas o povo açoriano, através dos séculos, foi adquirindo, entre os seus traços peculiares, uma falta de inclinação para a velocidade. Quando se trata de mudanças, a atitude é mais explícita — não as favorecem. Quanto menos uma cultura muda, mais aprecia a continuidade.

Todas as culturas transportam em si o peso da tradição, facto que Richard Wolheim classificou de «tirania do passado». Mas cada cultura é também impulsionada por outra força — o desejo de melhor a vida — o que implica mudanças. Sociedades muito dinâmicas, como a dos Estados Unidos, foram galvanizadas por esta força. Desenvolveram uma fascinação pelo novo, pelo jovem, pelo que muda, mesmo se a mudança nem sempre for para melhor. Por outro lado, uma sociedade habituada a uma imagem estática de si mesma, aumenta a sua predilecção por essa imagem. A razão é simples: os seres humanos aprendem a gostar de ser o que são, e a preferir o mundo que os rodeia e os molda.

Nos nossos dias, os Açores são confrontados com opções de inusitada magnitude. Grande parte delas será feita por poderes que transcendem o seu controle. A Europa decidiu seguir a rota do Norte. Os países mediterrânicos — o mesmo é dizer do Sul — perderam a guerra. Têm de aprender a pôr-se em dia com o Norte, e o Norte, por seu turno, deixou que a tocha, que lhe passou para a mão durante o tempo da Reforma, atravessasse o Atlântico para Ocidente e fosse levada até à fronteira californiana, dando depois o salto até às margens asiáticas. A Europa quer acelerar e superar as distâncias. Portugal não tem outra escolha senão embarcar também, arrastando consigo os Açores.

A ironia de tudo isto está no facto de os Açores terem de apanhar o comboio europeu para chegarem ao caminho

americano<sup>1</sup>, visto as suas estruturas culturais fazerem deles um satélite do planeta Portugal que, por sua vez, gira à volta da ideia solar da Europa. Apesar de haver mais açorianos nos Estados Unidos do que nas ilhas, aqueles que lá ficaram pertencem a outra esfera cultural. Eles sabem disso, e o facto agrada-lhes. Gostam de ir à América, visitar os parentes e comprar tudo o que podem nos centros comerciais, mas querem regressar ao mundo de que gostam. Nada de mal há nisso; é natural. Desejam os bens da civilização sem desistirem da sua confortável relação com o velho mundo. Têm todo o direito a esta atitude. Contanto que o modo de vida confortável seja partilhado pela maioria da população no velho mundo, e que uma larga parcela não continue a ter que emigrar para poder atingir esse objectivo. (Costumo dar como imagem dos Açores uma pirâmide inclinada no meio do Atlântico, cuja cúpula tende para a Europa, sendo a base irresistivelmente atraída pela América).

Por outras palavras, parece-me legítimo que os açorianos reajam contra a importação dos modos americanos em ética de negócios e trabalho, desde que aqueles que se lhes opõem, baseados em premissas culturais, não preservem a «pureza» da velha cultura apenas para um pequeno grupo de privilegiados, enquanto os outros — excluídos dessa cultura — são obrigados a emigrar. Em termos ainda mais específicos, e como açoriano, eu espero que a ajuda dada às ilhas, em troca da utilização da base americana, não

<sup>1</sup> Esta afirmação não é gratuita. Se a ideia da modernidade é europeia, a realização dela tem hoje, para bem ou para mal de todos nós, a marca dos Estados Unidos. Já depois de escrito e lido publicamente este texto, surgiu no mercado português o livro *América*, de Jean Baudrillard, o novo guru *made in Paris* que a afirma sem rodeios. «O estilo internacional é agora americano. Já não há mais oposição» — é uma das afirmações neste sentido (versão inglesa de Chris Turner (London/New York: Verso, 1989, p. 116).

seja consumida na conservação da identidade açoriana, fomentando a sua aspiração a uma qualidade europeia de vida apenas mantida por uma classe média-alta, grande parte da qual composta por funcionários do governo<sup>2</sup>.

Um dos nossos, o grande Antero de Quental, demonstrou no seu clássico ensaio sobre a decadência dos povos peninsulares o que aconteceu quando, no século XVI, os proventos da Índia foram dissipados em benefício de uma minoria e como as classes dirigentes portuguesas confiaram demasiado nessa contingente abundância, não por isso se achando forçadas a lutar para se manterem à altura das exigências dos tempos. Quando a abastança exterior se desvaneceu, Lisboa tinha já adquirido maus hábitos<sup>3</sup>. O passado repetiu-se de novo, dois séculos depois, com o ouro do Brasil. Não é preciso recordar o que aconteceu.

George Santayana disse que os que desconhecem o passado estão condenados a repeti-lo. Eu receio que o conhecimento dele não seja suficiente, e que as sociedades tendam

<sup>2</sup> As injeções de «subsídios» podem funcionar como anti-estímulos, numa economia já de si não muito dinâmica nem competitiva. O mesmo poderia dizer-se a propósito de Portugal, nestes anos de «assistência especial» da Comunidade Económica Europeia. As notícias e críticas na imprensa, alusivas aos desperdícios e malbaratamentos de fundos para o desenvolvimento vindos da Europa e da América, só confirmam que as mentalidades não mudaram. Essas novas riquezas da Índia passarão. E é bem possível que o façam sem deixar muito mais do que a ostentação material que terá ficado nalgumas construções. Justificadamente, Antero faria ainda hoje as mesmas críticas que no seu tempo dirigiu ao país.

Na mesma ordem de ideias, as pesadas máquinas administrativas tanto dos Açores como do Continente não são de modo nenhum fenómeno recente, mas antes uma característica cultural com origem em datas bem remotas.

<sup>3</sup> Naturalmente, uma referência deste teor poderá parecer aqui demasiado fácil e superficial. O seu desenvolvimento e justificação espero vir a fazê-los na revisitação, que há muito tenho entre mãos, do penetrante ensaio de Antero de Quental sobre as «Causas da Decadência dos Povos Peninsulares».

a manter os seus traços, os bons e os maus. A ser assim, é muito possível que possamos repetir os nossos erros. Gostaria de fazer valer uma segunda opinião, ligada a estas considerações sobre a preservação da identidade cultural açoriana:

Num futuro próximo, a mudança será forçosamente introduzida nos Açores, a um passo bem mais rápido do que antes. Felizmente para os açorianos, chega num tempo em que temos perfeita consciência das temíveis consequências que o progresso pode trazer. A vida na maioria das grandes cidades contemporâneas fala por si própria. Conhecemos os erros cometidos, sabemos que caminhos não deveríamos tomar, mesmo que possamos não saber quais seguir. Aqueles que têm poder de decisão nas ilhas, têm obrigação de lutar para que ninguém as estrague. Pelo menos, não mais do que já estão. O turismo não precisa de fazer erguer altos hotéis, e os hotéis não têm todos de parecer-se com os da Flórida<sup>4</sup>. Existe uma relativa identidade açoriana em arquitectura, aquela que se foi moldando através dos séculos. Com o mundo a tornar-se cada vez mais parecido<sup>5</sup>,

---

<sup>4</sup> Recentemente eu visitei Paraty, no Brasil, uma maravilhosa cidade e porto marítimo, do século XVIII, que ficou isolada da comunicação após a abertura de uma estrada nacional entre S. Paulo e o Rio de Janeiro. Há algumas décadas, a cidade foi «descoberta», como se tivesse estado congelada no tempo. Felizmente, decidiu-se que deveria ser preservada como um marco histórico. Hoje, é uma preciosa cidade-museu cuja principal fonte de lucro é o turismo. Para além da incrível semelhança entre a sua arquitectura e a de algumas ilhas dos Açores, gostaria de deixar sugerido essa Paraty como modelo para os Açores.

<sup>5</sup> Viajando à volta dos subúrbios das cidades do mundo, se pudessemos abstrair das linguagens e rostos das pessoas, seríamos quase incapazes de distinguir entre Caracas, Bangkok, Atenas, a Cidade do México, ou Lisboa. No Universal Studios, em Hollywood, há uma montagem da intersecção de ruas plenas de edifícios moder-

um dos maiores bens dos Açores, no futuro, poderá ser o seu passado, um passado conservado vivo pelos açorianos que podem desse modo preservá-lo para as futuras gerações. Não estou advogando a transformação dos Açores em museu gigante, mas um grande recurso açoriano pode muito bem residir na nossa preservação inteligente do passado que, acrescentada a um outro tipo de preservação, a do meio-ambiente natural, pode realizar-se numa atraente e aprazível oferta para aqueles que estão cansados da crescente mesmidade do mundo.

Há um lado positivo nessa crítica que uma vez fiz a propósito do que pretendiam fazer de Portugal os homens da Renascença Portuguesa. Fazer dos Açores um Museu do Tempo não seria talvez má ideia, se explorada no que de positivo ela tem. O lado negativo seria propor-se uma continuidade um pouco à Teixeira de Pascoaes.

Um tal programa requer inovação. Requer sobretudo a importação de muitas ideias não-açorianas sobre preservação histórica e natural, que eu penso poderem ser facilmente extraídas da experiência americana. Uma inovação desta natureza está perfeitamente de acordo com o espírito açoriano de amor e apreço pelo passado, pela beleza do velho mundo e da natureza. Devo reconhecer que algumas iniciativas têm sido tomadas nesta linha, como por exemplo, a criação do Museu dos Baleeiros na ilha do Pico. No entanto, muito mais poderia ser levado da América às ilhas, sem qualquer tipo de perigo de as americanizar; muito pelo contrário, reforçando esse profundo amor pelo passado, doce apesar da sua tirania, se tomarmos seria-

---

nos incaracterísticos. Quando é preciso filmar uma cena em Paris, são postos anúncios franceses nas paredes e, de vez em quando, faz-se aparecer a Torre Eiffel em plano de fundo. Para uma cena em Roma fazem-se alterações equivalentes. Hollywood não parece muito longe da realidade.

mente em conta algumas das coisas que foram ditas acerca desse, também inefável, conceito de saudade que muitos reivindicam como importante traço cultural português e açoriano.

Perspectivando um futuro assim, não haveria necessidade de continuar a discordar do poeta. Poderíamos então começar a ter «saudades do futuro».